

1. Roger Caillois, o homem que amava as pedras: vida e trabalho

Nascido em Rheims em 3 de março de 1913, Roger Caillois veio de uma família da pequena burguesia local. Realizou seus estudos secundários no liceu de Rheims, onde teve Georges Bidault como seu professor de história e geografia. Durante seus anos de ensino médio, também se tornou amigo de Roger Gilbert-Lecomte e do grupo "Grand Jeu".

Instalado em Paris com sua família no final da década de 1920, fez seu *hypokhâgne* e *khâgne* em Louis-le-Grand, um colega aluno de Jacques de Bourbon Busset, André Chastel e Pierre Grimal. Admitido na *École normale supérieure* em 1933, esteve perto dos surrealistas por um tempo, antes de romper com o movimento em 1934.

Roger Caillois, formado em gramática e auditor na *École pratique des hautes études*, onde participou de palestras de Georges Dumézil, Alexandre Kojève e Marcel Mauss, desenvolveu uma forma original de pensar, alimentada pela sociologia e antropologia, dedicada em particular à exploração do sagrado. Antes da guerra, Roger Caillois foi o autor de dois ensaios intitulados *Le Mythe et l'Homme* e *L'Homme et le Sacré* (O Mito e o Homem e o Homem e o Sagrado) e, em 1938, ele e Georges Bataille fundaram o Colégio de Sociologia. Seu nome, naquela época, esteve ligado a várias atividades da extrema esquerda antifascista.

Seu encontro com a escritora argentina Victoria Ocampo levou-o a deixar a França para a Argentina em julho de 1939, onde permaneceu durante toda a guerra. Do outro lado do Atlântico, apoiou ativamente a luta contra o nazismo, fundando a revista *Lettres françaises*, em 1941, assim como o Instituto Francês de Buenos Aires. De 1945 a 1946, também foi o sucessor de Raymond Aron como editor do *La France Libre*.

Em seu retorno à França após a Libertação, Roger Caillois teve que abandonar gradualmente seus compromissos políticos para dedicar-se à sua obra e atividades literárias. Ele tornou-se funcionário da UNESCO em 1948 e viajou pelo mundo em inúmeras ocasiões, ajudando a introduzir o público francês à literatura latino-americana, lançando a coleção "Croix du Sud" na Gallimard.

Em 1952, fundou *Diogenes*, uma revista internacional e multidisciplinar financiada pela UNESCO, que dirigiu até sua morte com a ajuda de Jean d'Ormesson.

Sua obra, que deve muito à exploração dos mundos poéticos do imaginário e

do fantástico, constitui uma contribuição essencial e perfeitamente original à crítica literária e às humanidades do século XX. Entre outros, podemos citar: *Le Rocher de Sisyphe*, *Puissance du roman*, *Babel*, *Poétique de Saint-John-Perse*, *L'Incertitude qui vient des rêves*, *Les Jeux et les Hommes*, *Puissances du rêve*, *Au cœur du fantastique*, *Anthologie du fantastique*, *La Pieuvre*, *Essais sur la logique de l'imaginaire*, *Approches de l'imaginaire*, *Le Fleuve Alphée*.

Finalmente, o homem, fascinado pelo universo mineral, dedicou vários trabalhos às pedras e à gemologia.

Roger Caillois foi eleito para a Academia Francesa em 14 de janeiro de 1971, durante a presidência de Jérôme Carcopino, em segundo turno, por 16 votos a 11, contra o romancista Henri Queffelec. Foi René Huyghe quem o recebeu em 20 de janeiro de 1972, recebendo-o sob a Cúpula nestes termos: “Você é, senhor, uma das mentes mais curiosas de nosso tempo, uma das mais autônomas, uma das mais resistentes à sua formação”.

Quando se tratava de sessões de dicionário, essa mente pouco convencional dizia aos que lhe eram próximos que, para quebrar a monotonia do debate, às vezes propunha palavras que não existiam e lhes emprestava etimologias tão convincentes que seus pares às vezes não as aceitavam...

Ele faleceu em 21 de dezembro de 1978.



Roger Caillois e sua coleção de minerais.

Fonte : <https://www.thefrenchjewelrypost.com/mon-agenda/roger-caillois-pierres-de-reve/roger-caillois-bon-sens/>

2. Poesia: propostas e imposições

Roger Caillois manteve uma relação apaixonada e exigente com a poesia, sem dúvida ganancioso de uma forma de arte à qual estava proibido de se entregar. Já em "Spécification de la poésie", escrito em 1933 para *Le Surréalisme au service de la révolution*, encontramos uma denúncia das "imposturas" da poesia, que o levava a romper com o surrealismo: "No início", escreveu em *Approches de la poésie*, "Eu não considerava a poesia como um gênero literário entre outros [...] Eu a considerava uma atividade mais séria, mais comprometedora, que era exatamente o que ela chamava de impostura e, portanto, exposta a um maior escrutínio.

A primeira edição dos *Impostures* foi publicada em Buenos Aires em 1944. Jean Paulhan assumiu a reedição na França, em 1945, em Gallimard, na coleção "Métamorphoses", que incluía textos de Artaud, Breton, Leiris, Michaux, Picasso, Ponge, Queneau, e o *Clef de la poésie* pelo próprio Paulhan.

Apesar de sua reconciliação com Breton em 1941, Caillois sentiu que *Les Impostures de la poésie*, esmaltado com declarações peremptórias - "Estou sempre mais disposto a lutar contra a poesia do que a ceder a ela" - e alegando um "antilirismo" intransigente, só poderia desagradá-lo. Ele formulou sua dedicação da seguinte forma: "Para André Breton, este livro é renegado, mas um livro que gosta de punir bem. Fielmente. Roger Caillois". Na primeira edição, publicada por Gallimard em 1958, *Art poétique* reúne textos que abrangem uma década, incluindo *Art poétique* primeiramente intitulado *Confession négative du poète* - que oferece 23 artigos curtos seguidos por *Commentaries* e *L'Enigme et l'image*.

Em 1978, Caillois juntou *Les Impostures de la poésie*, *Art poétique* e *L'Enigme et l'image* em *Approches de la poésie*. Sua pesquisa encontra unidade em uma "poética generalizada", paralela à "estética generalizada" e capaz de estabelecer uma continuidade entre a "turbulência ainda secreta" do universo inerte e a do universo humano.

3. As árvores da Lapa

Les Impostures de la poésie é composto de um "Aviso" do poeta, escrito em 13 de fevereiro de 1944, a partir da seção introdutória "Les arbres de Lapa", da qual selecionamos o poema em prosa que vamos apresentar, composto de quatro movimentos: "I. Situação da poesia", "II. Para uma estética severa", "III. O Legado de Pythia", "IV. Imposturas da poesia" e uma seção final "A planície".

Aqui está o trecho da versão original francesa de "Arbres de Lapa", sobre a qual vamos nos concentrar, bem como a tradução em português que produzimos: Prodige de force, le baobab élève ses masses de fer comme des piliers solennels qui n'ont besoin, pour se tenir debout et pour grandir, ni du calcul de l'architecte ni du labeur du maçon. Prodige de grâce, l'arbre du voyageur dispose en un seul éventail ses molles et longues feuilles, dressant à leur ombre l'épi gigantesque de ses fleurs en forme d'hirondelles.

Chacun s'est développé suivant une loi personnelle et immuable, déjà toute dans la graine et dont les différents articles se sont révélés à leur heure. Il ne fallut que du temps pour que vienne à son plein empire une majesté faite tantôt de stable puissance et tantôt d'élégance concentrée, tantôt colonne et tantôt draperie. La simple durée suffit à ces structures sûres d'elles-mêmes dans la force comme dans la grâce, pour qu'elles confondent en leur croissance la vie et l'art. Publiant le miracle d'une beauté naturelle, d'un même mouvement, elles s'acquittent de vivre et deviennent chefs-d'œuvre. Tout fut aisance, tout fut patience, tout fut paresse. Il n'y eut qu'à consentir. Il ne fallait que laisser faire le simple écoulement des jours pour aboutir immanquablement à la splendeur. La sève et la saison furent les artisans uniques de tant de sortilèges, dont la facilité redoutable décourage les sueurs de l'homme.

Prodígio de força, o baobá levanta suas massas de ferro como pilares solenes que não precisam nem dos cálculos do arquiteto nem do trabalho do pedreiro para ficar de pé e crescer. Prodígio de graça, a árvore do viajante tem suas folhas longas e macias em um único leque, proporcionando sombra para o gigantesco espigão de suas flores em forma de andorinhas.

Cada um deles se desenvolveu de acordo com uma lei pessoal e imutável, já todos na semente e cujos diferentes artigos se revelaram em seu próprio tempo. Só levou tempo para que a majestade chegasse a seu império pleno, às vezes de poder estável e às vezes de elegância concentrada, às vezes de coluna e às vezes de drapejamento. A simples duração é suficiente para que estas estruturas, seguras de si mesmas tanto em força quanto em graça, confundam vida e arte em seu crescimento. Publicando o milagre da beleza natural, do mesmo movimento, eles vivem e se tornam obras-primas. Tudo era fácil, tudo era paciência, tudo era preguiça. Tudo o que era necessário era o consentimento. Era apenas necessário deixar passar a simples passagem dos dias e inevitavelmente levar ao esplendor. A seiva e a estação foram os únicos artesãos de tantos feitiços, cuja facilidade assustadora desencoraja o suor do homem.

4. *Adansonia digitata*: retrato da “árvore do viajante”



Etimologia: "baobá" deriva do árabe "bu hibab", "fruto com muitas sementes" ou "lobab", "noz" ou "amêndoa" (em *De plantis Aegypti Liber* de Prospero Alpina - Veneza 1592).

Ambiente natural: a árvore baobá é encontrada nas regiões semiáridas de Madagascar (7 espécies, incluindo *Adansonia fony*), na África (1 espécie *Adansonia digitata*) e na Austrália (1 espécie).

Tempo de vida: 1.000 a 2.000 anos.

Tamanho máximo: 20 metros de altura. Sua largura é excepcional: seu tronco pode se aproximar de 30 metros de circunferência, ou seja, 9,5 metros de diâmetro. Sua forma, estreita na parte superior, faz com que pareça uma garrafa. O que não é falso, pois é feita de tecidos parenquimatosos empanturrados de água. A árvore Baobá pode armazenar mais de 120.000 litros de água para fazer frente a secas prolongadas.

Fruta: Uma cabaça pendurada, com 30 cm de comprimento, chamada "pão de macaco" na África.

Tradição: emblema do Senegal.

Uso: as folhas são usadas como antidiarreico, febrífugo, anti-inflamatório e antifilarial.

O pó de folhas secas é antianêmico, antirraquítico, tônico, emoliente,

antisséptico, antiasmático e antirreumático. A fruta, que tem um sabor ácido bastante agradável, é utilizada na preparação de refrigerantes. O tronco, escavado no talo, pode ser usado como um abrigo. Sua madeira não é utilizada para carpintaria, mas para papel e para a confecção de certos instrumentos musicais.

Finalmente, a casca é usada para fazer cordas.

5. Análise do poema

Poema em prosa, o que se destaca é esse entrelaçamento de duas isotopias, o da natureza e o do artifício, constantemente misturado e dobrado pelo animado e pelo inanimado. O baobá torna-se uma espécie de limiar, uma zona de fronteira e de passagem entre estas isotopias.

Roger Caillois não tenta "imitar" poeticamente seu objeto desviando seu olhar, à maneira de Francis Ponge, por exemplo, em seu *Parti pris des choses*. A quem Caillois se refere? Aqui, a árvore baobá não é realmente um objeto familiar e o poeta está mais interessado em manter a impressão de um milagre.

O que o aproxima de Ponge, de um lado, é a maneira como o poema se propõe a definir meticulosamente e poeticamente o baobá, notadamente com a associação de uma rede lexical científica ("desenvolvida", "lei", "estrutura", etc.) e, por outro lado, com a descrição entusiasmada através de um focalizador, notadamente os epanalepses "prodígio de força... prodígio de graça..." e as metáforas "massas de ferro", etc.

O que conta, me parece, é o caráter ambíguo da árvore, com seus limites móveis e incertos: entre arte e natureza, expresso pela metáfora arquitetônica e a metáfora da arte ("obras-primas"), e entre o objeto inanimado e o objeto animado, com relação aos verbos aos quais as árvores estão sujeitas: "publicar o milagre". Outras oposições também pontuam o poema: força e graça; natureza e magia; planta e animal.

E na enunciação, que status tem o texto? A incerteza ainda está presente em relação aos movimentos oratórios, com paralelismos, expressões sentenciosas, "tornam-se obras-primas" sem o artigo, mas também o tempo verbal *passé simple* que dá a essa descrição o tom da narrativa: a criação do baobá parece finalmente um evento.

Referências

CAILLOIS Roger, Les arbres de Lapa, in *Les impostures de la poésie*, Gallimard, 1943.